

**UM ROMANCE JUVENIL E A TRADIÇÃO ESCOLAR: OS COMENTÁRIOS DE LEITORES NAS REDES SOCIAIS**

**A YOUNG ADULT NOVEL AND SCHOOL TRADITION: READER COMMENTS ON VIRTUAL SOCIAL NETWORKS**

Adelino Pereira dos Santos<sup>1</sup>

**RESUMO:** No presente artigo, analisamos comentários de leitores em *blogs* e redes sociais virtuais sobre o romance juvenil *Petrus Logus, O Guardiã Do Tempo*, do conhecido autor brasileiro do gênero de autoajuda, Augusto Cury. Mediados pela concepção da literatura como um bem e um direito inalienáveis do ser humano, conforme proposta por Antonio Candido (1988/1995), apresentamos a tese de que os comentários dos leitores foram influenciados pela tradição escolar de trabalho com o texto literário, em que se priorizam os aspectos externos ao texto em detrimento daqueles propriamente característicos da literatura.

**PALAVRAS-CHAVE:** romance juvenil contemporâneo; tradição escolar; autor; comentários de leitores.

**ABSTRACT:** In this article, we analyze reader comments on blogs and virtual social networks on the young adult novel *Petrus Logus, The Guardian Of Time*, by the known brazilian author of self-help genre, Augusto Cury. Mediated by the conception of literature as a value and an inalienable human right, as proposed by Antonio Candido (1988/1995), we present the thesis that the comments from the readers were influenced by the school tradition of working with the literary text to prioritize the external aspects of the text at the expense of those properly characteristic of literature.

**KEYWORDS:** contemporary young adult novel; school tradition; author; reader comments.

**1 A LITERATURA E A HUMANIZAÇÃO DO HUMANO: OS COMENTÁRIOS DE LEITORES SOBRE O ROMANCE JUVENIL DE AUGUSTO CURY**

Ataques terroristas nos Estados Unidos e na Europa. Guerras civis e dominação de grupos islâmicos *jihadistas* radicais em países da África e do Oriente Médio. Fuga e morte de pessoas na condição de refugiados; fechamento de fronteiras no continente europeu. Desastres ambientais. Estamos todos, nos dias de hoje, afetados por esses acontecimentos. Esse cenário de inquietação torna-se mais pungente e danoso para a juventude, pela consciência em formação. No Brasil, em especial, a juventude contemporânea se vê acossada pelas consequências da crise política, econômica e moral, que se intensificaram neste ano de 2016. Diante da dura realidade enfrentada pela juventude, torna-se de fundamental importância refletir sobre o lugar da literatura na vida dos

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras. Professor adjunto da Universidade do Estado da Bahia. E-mail: adesantos@uneb.br. Apoio: FAPESB/CAPEB – Edital 017/2015.

jovens, assim como sobre os espaços que ocupam a fabulação e o sonho na consciência do leitor brasileiro.

O principal objetivo deste trabalho é analisar o posicionamento de leitores nas redes sociais virtuais sobre o texto literário juvenil. Para o alcance de tal objetivo, tomamos como objeto de nossa reflexão comentários e resenhas, colecionados pelo *site* [www.skoob.com.br](http://www.skoob.com.br), sobre o livro *Petrus Logus, o guardião do tempo*, do autor brasileiro augusto Cury, cujo primeiro volume foi publicado pela editora Saraiva em 2014. Embora muito conhecido por seus livros de autoajuda, Cury se aventurou a escrever o gênero romance voltado para o público juvenil. Nele, a vida e o sofrimento do príncipe de Cosmos parecem espelhar as angústias e dilemas do jovem contemporâneo, fabulação que pode se refletir na relação do leitor com o texto juvenil dos nossos dias.

No conhecido ensaio de 1988, *O direito à literatura*, Antonio Candido (1995) inclui a literatura como parte integrante dos direitos universais do homem, de todos os tempos porque, segundo ele “não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação” (CANDIDO, 1995, p. 242). Segundo esse autor, durante o sono, o sonho é necessário ao ser humano como parte do equilíbrio psíquico que garante a integridade mental da pessoa. Em estado de vigília, o equilíbrio mental e espiritual do ser humano é garantido pela “fuga da realidade” que a arte, incluindo-se nela a literatura, pode proporcionar. E mais, a literatura representa “o sonho acordado” que garante o equilíbrio social. Por essa perspectiva, a literatura apresenta-se como fator indispensável à humanização do humano, porque confirma no homem os valores e patrimônios espirituais e psíquicos inerentes à sua humanidade.

Dialeticamente, a literatura espelha a sociedade, ao tempo em que retira dela a sua matéria constitutiva, razão pela qual não pode ser negada sob pena de mutilação da alma e de promoção de certa desordem social. É essa a razão pela qual, segundo Antonio Candido (1995), em nossas sociedades a literatura sempre foi valorizada como um poderoso instrumento de instrução e educação, inserida nos currículos escolares, símbolo de distinção, poder intelectual e marco afetivo. Contudo, como os demais bens e direitos, o acesso à literatura não é igualmente distribuído. Em uma sociedade em que ainda se encontra um alto índice de analfabetismo ou, em conceitos atuais, baixíssimos níveis de letramento, a arte literária de expressão cultural mais elaborada é privilégio de poucos porque também poucos têm o tempo livre para o lazer necessário à apreciação do texto literário.

Neste sentido, Antonio Candido (1995) evoca a figura do padre dominicano Louis Joseph Lebret, sociólogo francês que teria atuado no Brasil entre os anos de 1940 e 1960. Fundador do movimento Economia e humanismo, o padre francês apresentou a distinção entre “bens compressíveis” e “bens incompressíveis”. Os compressíveis são aqueles que podem ser

dispensados sem prejuízos maiores para a integridade do ser humano, tais como os cosméticos, as roupas extraordinárias, as joias e outras tantas quinquilharias que satisfazem a vaidade humana. Outros bens, diferentemente, asseguram a sobrevivência e a dignidade, tais como a moradia, a alimentação, o vestuário, o emprego, a educação etc. O critério de distinção entre uns e outros, no entanto, é difícil de fixar porque, segundo Candido (1995, p. 240) “o fato é que cada época e cada cultura fixam os critérios de incompressibilidade”. Na perspectiva de Candido (1995), a literatura pode seguramente estar relacionada entre os bens incompressíveis, já que entre estes devem ser incluídos não só os que “asseguram a sobrevivência física em níveis decentes”, mas também aqueles outros que “garantem a integridade espiritual” (idem, p. 241).

Mas as práticas escolares têm garantido aos jovens de hoje as habilidades necessárias à fruição plena da literatura como um de seus direitos inalienáveis? Como um contraponto a esse questionamento, passemos à análise de comentários e resenhas de leitores em *blogs* e redes sociais virtuais<sup>2</sup> a respeito do romance juvenil *Petrus Logus, o guardião do tempo*, cuja trama será detalhadamente descrita na próxima seção:

**(A)** Nunca pensei em ler um livro de Augusto Cury, por ser a maioria auto-ajuda. Quando comprei este fui ver o autor somente quando chegou em casa, me surpreendi. É uma edição incrível e um nacional tão bom. Há boatos de que terá uma adaptação para o cinema. Desculpa dizer isso, mas o cinema nacional não está em porte para isso. Hollywood talvez faça um trabalho melhor... Para você que queira ler uma obra brasileira de qualidade, aqui está a dica. Espero que gostem tanto quanto eu.

Jhonatan10/04/2016

**(B)** Esse também foi meu primeiro contato com o autor. Sempre tive uma certa aversão a ele, em virtude de não gostar muito do gênero autoajuda. Por isso, quando vi uma ficção para jovens logo me interessei. No entanto, esse livro não me agradou tanto assim. A começar pelo plot principal, que já é extremamente batido em livros para essa faixa etária. Um jovem que tem que se rebelar contra um sistema e lutar para salvar o seu povo não é novidade para ninguém. Nove entre dez livros para jovens tem a mesma premissa. E nesse caso o desenvolvimento que o autor dá à história foi muito similar ao lugar comum. Outro ponto que me desagradou foi a narrativa de Cury. Esperava que, como sendo um livro de ficção o autor adotasse uma nova postura na escrita, mas me enganei muito. Augusto coloca inúmeras metáforas que tendem o tempo todo para alguma lição de moral, com fundos fortíssimos de autoajuda camuflada. Isso sem contar as inúmeras paradas na narrativa para inserir algum tipo de texto de incentivo ou reflexão pessoal. O personagem que é introduzido posteriormente na história e que ajuda Petrus a cumprir a sua missão nada mais é que única e exclusivamente um pedaço

<sup>2</sup> Comentários de leitores disponíveis no site:

<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/418325/edicao:475098/mpage:> Acesso em 12/05/2016.

de autoajuda ambulante, cuja única função na história é a de dar conselhos com esse viés para o protagonista. No mais, não foi uma leitura que me agradou e eu cheguei ao final me arrastando. Definitivamente não lerei os outros livros da série.

**Marcos** 17/10/2015

**(C)** Me prendeu do começo ao fim...Eu estava receosa de lê-lo, pelo fato de autor ser o Augusto Cury. Ele é especialista em livros de auto-ajuda. Gênero que eu odeio. Mas esse livro me prendeu do começo ao fim. Apesar de ter algumas frases de motivação, de lição de moral...Coisa de que ele mais sabe fazer, eu quase não percebi. E me surpreendi muito com o livro.

**Kiori** 05/10/2014

**(D)** Mal escrito. Não deu vontade de ler a(s) continuação(ões). O livro começa bem, muito bem, mas com uma velocidade impressionante ele desanda. Adoro livros neste estilo, em que o jogo mental e aprendizagem do personagem é a parte mais importante da história em si, com muitos diálogos filosóficos. Mas o caminhar que é dado à história é decepcionante, os contextos mudam de uma hora para outra, como se o autor mudasse de ideia mas estivesse com preguiça de reformular o que já havia escrito. Me deu a impressão, de verdade, que alguém de vez em quando vinha e falava no ouvido de Augusto Cury: “Poxa, mas não tem magia? Inventa uma personificação de algo interno do personagem.”, ou “Poxa, mas vai ficar só nesse mundinho mesmo? Inventa algo que leve a outros ambientes.”, ou ainda “Poxa, esse personagem é perfeito demais!! A partir de agora, ele tem que apresentar defeitos.”, e no que o autor ia simplesmente concordando e mudando o futuro da história. Não esperava um livro grandioso, mas ainda assim me decepcionei muito com o autor. Em vez de amarrar as multifacetadas da história, ele ia apenas criando soluções tiradas da cartola para os problemas que iam aparecendo.

**Gabs** 16/09/2015

Embora reconheçamos que a escolarização não é o único espaço de formação do leitor competente da literatura, não devemos negligenciar a importância que a escola tem na aproximação do leitor com o texto literário. A leitura do texto literário, como qualquer outra atividade social, necessita do estabelecimento de critérios pertinentes que validem sua razão de ser. Neste sentido, o leitor do texto literário precisa assumir autonomia enquanto sujeito de sua ação, a fim de poder criticar com liberdade e aproximar-se com mais independência em relação ao texto lido.

A leitura das apreciações do livro *Petrus Logus, o guardião do tempo*, como exemplificamos com os textos A, B, C e D, acima, nos permitiu verificar que dos 44 comentários e resenhas publicados até a data em que acessamos o referido *site*, 30 dão importância desmesurada à autoria do romance, em detrimento da *literariedade* do texto, isto é, dos aspectos estritamente literários que diferenciam um texto literário de outro não literário, como o de autoajuda, por exemplo, gênero sempre

mencionado nos comentários e resenhas analisados. Contudo, devemos esclarecer que nossa análise não levou em consideração outros aspectos igualmente relevantes nos comentários, como o fato de que muitas das resenhas estabelecem relações pertinentes com outros textos, promovendo, desse modo, a intertextualidade. Além disso, alguns resenhistas demonstraram conhecimento da obra completa do autor, pelas menções aos livros publicados. Não consideramos, tampouco, a idade dos comentaristas, por não termos como verificar, com precisão, essa variável.

Não podemos desconsiderar a razão de que a referência incisiva ao autor pode ter-se dado porque ele é, de fato, bastante, conhecido. É um autor ainda vivo e midiaticamente atuante, uma espécie de celebridade do campo editorial e do mercado brasileiro dos livros de autoajuda. Talvez por isso o julgamento sobre o romance tenha sido obnubilado por esse lugar ocupado pelo autor, ocasionando, conseqüentemente, um pré-julgamento que perpassou a leitura do romance e deixou-se revelar na própria produção das resenhas do texto. Por outro lado, tais resenhistas não necessariamente representam a totalidade dos leitores do romance, mesmo porque não teríamos estatísticas seguras para basearmos nossa observação. Mas, ao fazerem parte de uma *comunidade de leitores*, daqueles que se propuseram livremente a elaborar resenhas e tecer comentários sobre o romance, apresentam indícios seguros do que pode ser um comportamento geral do leitor.

Esclarecemos, igualmente, que não foi nossa intenção avaliar os que se colocaram a favor ou contra o texto/autor, representados pelo uso dos adjetivos que equivalem à dicotomia “gostei”/“não gostei”, tão presente no *site* de onde retiramos os exemplos A, B, C e D, acima. Logicamente, não se espera uma leitura *monodirecional* do texto literário, isto é, um único modo de ler o texto, como se houvesse uma voz única que autorizasse a compreensão, chave do texto. Espera-se do texto literário a leitura que atente para as muitas vozes e para a pluralidade de constituição de sentidos. O que vimos, no entanto, pelos comentários e resenhas analisados, foi a redução da interpretação do texto associada à forte presença do autor. Seria esse comportamento do leitor um sintoma da escolarização do texto literário, isto é, do modo como a literatura é trabalhada na escola? Há indícios desse processo de *pedagogização* do texto literário, assunto a que retornaremos após a apresentação do romance em discussão, na terceira seção deste artigo.

## **2 PETRUS LOGUS, O GURADIÃO DO TEMPO: UM ROMANCE JUVENIL CONTEMPORÂNEO**

*Petrus Logus, o guardião do tempo* é uma narrativa de ficção. A trama se passa no reino de *Cosmus*, cem anos após a Grande Catástrofe, como ficou conhecida a Terceira Grande Guerra Mundial, que ocasionou a morte de bilhões de pessoas na face Terra. O consumo exacerbado e

irresponsável da população mundial no século XXI fez com que se esgotassem os recursos naturais do planeta. A luta por água e por alimentos levou à guerra atômica. As armas nucleares não só foram responsáveis pela destruição de populações inteiras nas grandes cidades e conglomerados humanos, como alteraram a própria estrutura genética dos seres vivos que sobreviveram, possibilitando o aparecimento e perpetuação de pessoas e animais com traços mutantes.

Os seres humanos sobreviventes da Grande Catástrofe se reorganizaram em um novo tipo de sociedade, que em muito se assemelhava à organização social da Europa na Idade Média, mas com características culturais e ordem militar que se aproximavam do antigo Império Romano. Povo dividido em reinos que se sobrepunham, Cosmus, sob o comando do Rei Apolo, era o mais poderoso de todos os reinos. Em uma sociedade dividida em classes, havia os trabalhadores, que se dedicavam em especial à agricultura, os militares, a corte e os que viviam em torno dela, com destaque para os conselheiros do rei e, na última classe, os escravos. A corte cobrava altos impostos dos agricultores, que mal sobreviviam do pouco que conseguiam extrair da terra. O rei Apolo tinha dois filhos gêmeos não idênticos: Lexus e Petrus. O primeiro foi treinado para a guerra e para a sucessão real, pelos conselheiros do rei, Demetrius, Terrívius e Superius. O segundo, Petrus, foi educado por Malthus, um sábio e bondoso senhor que preparava o filho do rei para o domínio da própria mente. Lexus em era em tudo o oposto de Petrus. Fisicamente robusto, era ambicioso e invejoso. Petrus, aparentemente frágil e desajeitado, desejava dedicar-se à leitura e à consequente aquisição de conhecimento.

Qualquer forma de conhecimento era proibida em Cosmus. Todo o reino acreditava que a Grande Catástrofe só foi possível graças ao avanço do conhecimento científico e das tecnologias, razão pela qual até a leitura de livros era proibida. Só existia uma única biblioteca, de acesso restrito. Foi, inclusive, divulgada a ideia de que a biblioteca era mal-assombrada. Prevalcia grande ignorância, superstição e preconceito em Cosmus. Os mais pobres, os escravos, os mutantes e os doentes mentais eram perseguidos. Os que desafiavam ou desagradavam ao rei e seus subordinados eram condenados à fogueira ou enclausurados na Câmara dos Loucos ou na Caverna do Diabo.

Petrus Logus era dotado de grande inteligência e sensibilidade. Exímio questionador, tinha “fome de saber”. Defensor dos mutantes, dos fracos e dos desprotegidos da sorte, costumava se disfarçar para conviver com os mais pobres nas vilas dos agricultores. Em uma dessas aldeias de plebeus, o Vale das Flores, conheceu Nátilla, garota amável e inteligente, que se tornou o grande amor de sua vida. Lá também conheceu Laurus, divertido porque abobalhado, que veio a ser o seu melhor amigo. Em uma reunião com seus conselheiros, o rei Apolo tomou conhecimento de que Malthus tinha conseguido livros para Petrus. Influenciado por Demetrius, Terrívius e Superius, o rei condenou Malthus à prisão perpétua na Caverna do Diabo, levado pelo medo de que as ideias

subversivas de Malthus pudessem colocar em risco o futuro do reino. Apolo condenou também Petrus a usar a Máscara da Humilhação. Uma máscara de ferro foi colocada no rosto de Petrus. A máscara continha orifícios somente na altura dos olhos, da boca e do nariz, tão estreitos que ele nem sequer podia mastigar. Alimentando-se apenas de líquidos, foi também amarrado a dois soldados e obrigado a perambular por muitas vilas do reino para servir de exemplo a quem pensasse em desafiar os arbítrios do rei. Sem saber de quem se tratava, as pessoas cuspiam nos olhos do condenado, jogavam fezes de animais e diziam toda sorte de impropérios, por onde passava o príncipe condenado.

Cansado da dor e da humilhação, Petrus pediu a um dos soldados que o matasse logo, a fim de o livrar do sofrimento. Nesse momento, apareceu Nátilla, que começou a cantar uma canção que Petrus a ensinara. Ignorando a real identidade do príncipe, Nátilla reconheceu no condenado o amigo e companheiro da Vale das Flores. Consolou-o, alimentou-o e ajudou-o a suportar o restante da condenação. Tempos depois de Petrus se livrar da Máscara da Humilhação, o rei Apolo estabeleceu uma competição entre os príncipes para eleger quem o substituiria no comando do reino. O espetáculo consistia em uma corrida de cavalo no Grande Stadium, acompanhado por uma plateia de nobres, conselheiros do rei, generais e soldados do reino. No final, os competidores tinham que passar, sem demonstrar temor, por entre dois ferozes leões, amarrados próximos ao trono do rei. Como era de se esperar, Lexus saiu vencedor da competição. O rei Apolo, para homenageá-lo, acrescentou um honorífico ao seu nome, que passou a se chamar Lexus Magníficus. Além disso, para presenteá-lo, disse que ele pedisse o que quisesse. Lexus pediu muita riqueza, terras, celeiros, escravos e soldados sob o seu comando. Lexus foi, em todos os momentos, muito aplaudido por todos.

Petrus, apesar de ter chegado em segundo lugar e ter recalcitrado antes de passar pelos dois leões, também cumpriu a prova, por isso foi homenageado pelo rei como o honorífico Logus acrescentado ao seu nome. Petrus Logus, que significava “a pedra do conhecimento”. Como presente, Petrus pediu ao pai que pudesse ter acesso aos livros da Biblioteca do Reino. Sem poder negar o pedido, o rei concedeu ao filho a licença para ler os livros e para morar em um quartinho anexo à biblioteca, com a condição de que fosse acompanhado por dois soldados. Petrus, então, escolheu Laurus e Gerus para sua guarda. Lexus e os conselheiros não gostaram da concessão do rei a Petrus Logus. Começaram, então, a tramar para fazê-lo desistir definitivamente de ser o sucessor do rei. Perceberam que mesmo depois de tanto sofrimento ocasionado pela Máscara da Humilhação, Petrus continuava rebelde e impetuoso, a reclamar das injustiças, sobretudo daquelas perpetradas pelos conselheiros do rei.

Durante sua estada na biblioteca, Petrus presenciou vários fenômenos sobrenaturais. Os livros caíam das estantes e se abriam, como que convidando-o à leitura. Ouviam-se gemidos e vozes. Um grande leão branco passou a aparecer e a sumir sem nenhuma explicação lógica. Laurus e Gerus tremiam de medo. Petrus foi aos poucos se aproximando do leão, que se comportava de acordo com os sentimentos do príncipe. Quando este sentia raiva ou ódio o leão se agitava e ameaçava devorá-lo. Quando estava sereno, o leão se tornava calmo e dócil. O leão era a própria extensão da personalidade de Petrus Logus.

Por vingança e temor de que Petrus viesse a se tornar o futuro rei de Cosmus, os conselheiros planejaram uma armadilha para o príncipe. Queriam abater os seus ânimos a fim de torná-lo incapaz de assumir o reino. Para tanto, resolveram afastá-lo de seus melhores amigos e separá-lo definitivamente do amor de sua vida, Nátila. Envenenaram um de seus amigos, Tulus, e fizeram com que Laurus e Nátila escrevessem cartas falsas para Petrus, a fim de mantê-lo distante. Laurus foi enganado com a promessa de se tornar artista de circo, quando na verdade foi trancafiado na Câmara dos Loucos. Nátila e sua mãe foram vendidas como escravas para Andraus, outro reino distante. Na infância Petrus já tinha sofrido a perda de sua mãe, que pensara ter morrido de morte natural, mas que, vítima de armação dos conselheiros do rei, foi exilada na Ilha do Esquecimento e morta anos depois. Com mais essas perdas, o príncipe Petrus ficou perturbado. Os conselheiros do rei se aproveitaram da situação e convenceram Apolo a também condená-lo à Câmara dos Loucos, com a promessa de que lá ele poderia se recuperar, porque desajustado como estava era um perigo para o reino. Mesmo a contragosto, Apolo aceitou e Petrus foi levado para aquele local fétido e desumano.

Na Câmara dos Loucos, Petrus encontrou Laurus e descobriu que este não tinha ido embora, mas que fora enganado por Demetrius e Terrivius. Lá também encontrou o pai de Nátila, que pensara ter sido morto na fogueira. Juntos, os amigos promoveram uma rebelião e conseguiram fugir da Câmara dos Loucos, com a ajuda de mais um companheiro, Broncus. Na saída, Petrus reencontrou Santorus, um mutante com quem fizera amizade anos antes. O grupo, então, invadiu a Caverna do Diabo e libertou Malthus. Passaram a viver como andarilhos. Petrus se tornou o “fora da lei” mais procurado do reino de Cosmus. Sempre acompanhado por Instinctus, o grande leão branco, reflexo de seu mundo interior, Petrus conseguiu escapar das hordas de soldados que seguiram em seu encalço. Por fim, reencontrou a mãe de Nátila e descobriu a armação que foi feita para separá-los. Contudo, apesar de ter esperado por muitos anos pelo seu amado, Nátila foi obrigada a vender o seu corpo para se sustentar e alimentar a sua mãe. Tomado de preconceito, Petrus quase foi devorado por Instinctus. Quando finalmente conseguiu perdoar a sua amada, Petrus contou a Malthus que já há algum tempo passara a fazer viagens no tempo. Malthus, então,

revelou que ele, Petrus Logus, era o Guardião do Tempo e que teria como missão retornar ao período anterior à Terceira Grande Guerra Mundial para evitar a Grande Catástrofe. A continuidade dessa aventura é prometida para o segundo volume do romance, ainda a ser publicado.

Que sentidos poderiam ter sido produzidos pelos jovens leitores do romance que acabamos de resumir? A narrativa de ficção torna-se mais necessária ante a dura realidade do terrorismo, das guerras insanas, dos desastres ambientais e da crise econômica que espalha o desemprego e a dor. Dessa forma, concordamos com Antonio Candido (1995, p. 263), quando afirmou que “a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável”, sobretudo quando a realidade parece não fazer muito sentido.

### 3 OS SINTOMAS DE UMA TRADIÇÃO

Cosson (2014, p. 41) propõe a leitura do texto literário como um circuito que envolve quatro elementos: o autor, o leitor, o texto e o contexto. Em uma perspectiva bakhtiniana, Cosson (2014, idem) concebe a leitura como um diálogo que se inicia, necessariamente, com uma pergunta. “Se a leitura é um diálogo, todo diálogo começa essencialmente com uma pergunta, com uma questão cuja resposta leva a outra pergunta e a outra resposta e a outra pergunta...”. Se considerarmos esse olhar de Cosson (2014) sobre o processo de leitura do texto literário, podemos afirmar que os leitores que produziram os comentários A, B, C e D, transcritos na primeira seção deste artigo, bem como os demais comentários e resenhas do *site*, que apresentam o mesmo posicionamento, centraram a sua leitura do romance *Petrus, o guardião do tempo* em apenas um dos elementos citados por Cosson (2014) – o autor –, mas em um sentido diferente do apontado por ele porque o que fizeram, na prática, foi um julgamento prévio do texto baseado em sua autoria. Os sentidos produzidos por esse prejulgamento prevaleceram nos comentários e resenhas analisados.

Os leitores, comentaristas do *site*, agiram como que determinados pela forte presença do autor, isto é, pela “voz única”, ativa e altissonante, que os tornaram “surdos” à polifonia do texto, à harmonia dos contextos mediatos e imediatos (que, também, se materializam no texto) e à sua própria voz interior para estabelecer um diálogo profícuo com o texto lido. A leitura do romance foi predeterminada, como podemos perceber pelos seguintes excertos dos comentários suprarrelacionados: (A) “Nunca pensei em ler um livro de Augusto Cury, por ser a maioria de autoajuda” e (B) “Esse também foi meu primeiro contato com o autor. Sempre tive aversão a ele, em virtude de não gostar muito do gênero autoajuda”.

Porém, o que mais cabalmente prova essa leitura predeterminada é que “o fio do discurso” costurado pela questão da autoria se deu tanto nos comentários que fazem apreciações favoráveis ao texto, quanto pelos que não o recomendam: (C) “Me prendeu do começo ao fim... Eu estava receosa de lê-lo, pelo fato de [o] autor ser o Augusto Cury.”; e (D) “Mal escrito. Não deu vontade de ler a(s) continuação(ões) [...] Me deu a impressão, de verdade, que alguém de vez em quando vinha e falava no ouvido de Augusto Cury...”.

Como se pôde perceber e como exemplificados em A, B, C e D, acima, os comentários dos leitores tendem a refletir o histórico processo de escolarização do texto literário, em que prevalecem interesses sobre aspectos externos ao texto, como a vida e obra do autor desvinculados da contextualização do texto em estudo ou, quando levam o texto em consideração, aspectos relacionados à sua estrutura (que são importantes, mas superficiais), em detrimento de suas características especificamente literárias. Ao fazermos essa afirmação, não estamos necessariamente concordando ou discordando das apreciações feitas sobre o romance nos comentários analisados, já que, em última instância, os comentários refletem uma *leitura válida* porque atende aos objetivos a que os leitores se propunham, isto é, apresentar sua apreciação do romance. Mas, ao fazerem, revelaram um comportamento que pode ser geral, sintoma do que tem sido historicamente feito com o texto literário nas escolas brasileiras. Também, ao apresentarmos a descrição (em resumo) do romance, evitamos expressar nossa própria crítica do texto, a fim de possibilitarmos aos leitores deste artigo a cotação de suas impressões com os comentários apresentados. Contudo, não podemos deixar de registrar que apesar de todas as suas fragilidades, *Petrus Logus, o guardião do tempo* é, como dissemos, um romance juvenil que pode simbolizar as angústias e dilemas do jovem leitor brasileiro contemporâneo.

Certamente, não estamos aqui tentando minimizar a relevância do conhecimento da vida do autor para a compreensão da obra literária. Cosson (2014) chama a atenção para a importância desse conhecimento, mas em uma relação inseparável com o contexto de produção do texto:

A vida do escritor é ainda uma fonte relevante quando se busca reconhecer determinada cultura ou compreender como uma cultura é vivenciada por um indivíduo. É o que fazem parte das leituras que identificam o autor como uma voz que representa a experiência de uma comunidade ou grupo social, tomando a sua obra como um testemunho literário dessa experiência. Essas e outras leituras do texto literário mostram que o modo de ler do contexto-autor é aquele que relaciona em lugar de separar o autor de sua produção, compreendendo que há entre eles laços que potencializam os sentidos da obra. (COSSON, 2014, p. 73).

Ao sinalizarmos para o que chamamos de *a forte presença do autor* nos comentários supramencionados, referimo-nos aos preconceitos que determinaram a avaliação da obra, prejudicando a apreciação crítica e em detrimento do valor literário do texto, com quase nenhuma referência a esse importante aspecto, nos comentários e resenhas analisados.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Segundo ainda Antonio Candido (1995, p. 256) “a organização da sociedade pode restringir ou ampliar a fruição [da literatura como um] bem organizador”. Neste sentido, torna-se urgente o repensar das práticas escolares na educação básica no que se refere ao trabalho com o texto literário, de modo que possibilite à juventude contemporânea formar-se como leitor verdadeiramente crítico, autônomo, capaz de enfrentar com altivez os desafios do mundo, para superação das crises sem maiores danos para a sua subjetividade.

Esse é um bem e um direito que não podem ser negados ao jovem leitor do texto literário, sob pena da mutilação da alma, ainda nas palavras Candido (1995). Neste artigo, centramos nossa análise nos comentários de leitores em *blogs* e redes sociais virtuais porque concordamos com Lena Lois (2010) quando afirma que:

O leitor é termômetro, limite e ritmo para o livro. Ele é quem determina as direções da leitura. Escolhe. Prefere. Prefere. Um mesmo livro descortina leitores diferentes. Um texto, magnífico nos olhos de alguns, se apresenta abominável para outros. Os leitores são tantos quantos são os sujeitos e, para cada um, as razões para se envolver, ou não, numa leitura possuem raízes na intimidade de seus desejos. (LOIS, 2010, p. 53).

Além disso, o romance juvenil *Petrus Logus, o guardião do tempo* encontra-se na listagem de livros paradidáticos de muitas escolas brasileiras do ensino fundamental, notícias dadas pelos vendedores do romance, na livraria onde tivemos acesso a ele. Também, as tiragens dos exemplares do livro têm sido significativas, o que, por si só, justificam a consideração e análise dos comentários sobre este texto literário. Se este romance já está nas mãos do jovem brasileiro, não podemos negar a ele o direito à sua fruição plena. Para tanto, cabe a nós, professores, apontar caminhos, sugerir possibilidades de leituras, para além do que pontuamos como mera tradição escolar.

#### **REFERÊNCIAS:**

- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-263
- COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

CURY, Augusto. *Petrus Logus: o guardião do tempo*. São Paulo: Saraiva, 2014. 291 p.

LOIS, Lena. *Teoria e prática da formação do leitor: leitura e literatura na sala de aula*. Porto Alegre: Artmed, 2010.